**UNAGUI – Cultura Religiosa**

 Texto n.º 6 – 26.05.2020

**O Mercado dos Inocentes**

«A maternidade de substituição mais económica na Europa está na Ucrânia, o país mais pobre da Europa.» A página da clínica BioTexCom, especializada nas denominadas “barrigas de aluguer”, comete um clamoroso autogolo ao certificar que esta prática e a pobreza estão estreitamente ligadas. Onde há mais miséria, mais mulheres estão dispostas a prestar-se a um “serviço” que só por hipocrisia alguns chamam “solidário”. O confinamento imposto pela pandemia fez sobressair de maneira gritante as consequências da desumana prática das barrigas de aluguer: a vida de dezenas de recém-nascidos em berços alinhados num hotel em Kiev, à espera que os casais compradores vão retirá-los, está a fazer arrepiar o mundo inteiro. As crianças estão alimentadas e tratadas, é verdade, mas sem mães e pais ao lado. Apátridas. De ninguém.

Até na permissiva Ucrânia se levantam vozes indignadas, inclusive autorizadas, como as da Garante dos Direitos Humanos, Lyudmyla Denisova, e do Comissário presidencial para os Direitos das Crianças, Mykila Kuleba. Não nos iludimos pelo facto de a indignação que se ergueu na Ucrânia pelos bebés “na vitrina” poder ser canalizada para uma proposta articulada e coerente para travar o negócio da gravidez por contrato no país.

Não nos iludimos, mesmo sabendo que outros países se puseram ao abrigo da crítica precisamente por causa de escândalos análogos. Aconteceu na Tailândia, onde a maternidade de substituição foi vedada aos casais estrangeiros depois de um casal australiano ter recusado um bebé, atingido pela síndrome de Down, “retirando” apenas o gémeo saudável. Também a Índia deu um passo atrás depois de dezenas de investigações e relatórios internacionais documentaram as condições de escravidão a que eram obrigadas as mulheres-incubadoras por conta de clientes de todo o mundo.

Duas vezes vítimas inocentes de uma situação objetivamente absurda. Os recém-nascidos são separados, contratualmente, da mãe que os transportou no ventre, e depois privados nas primeiras semanas de vida de presenças afetivas fundamentais

É mais que provável que na Ucrânia se apaguem rapidamente os projetores sobre estes acontecimentos, porque as razões do comércio valem mais do que as da ética. Mas é também possível que, sob a onda das pressões de numerosas associações que em todo o mundo lutam para que a maternidade de substituição seja considerado um crime universal, o parlamento de Kiev abra uma discussão séria e considere, a par das receitas, também os custos da sua lucrativa liderança europeia no turismo procriativo: a dignidade das suas mulheres mais vulneráveis, consideradas à maneira de incubadoras a pagamento, e a dos recém-nascidos, reduzidos a mercadorias.

Estes bebés nasceram, outros verão a luz de mães de substituição nas próximas semanas, e os seus berços acrescentar-se-ão no hotel de Kiev. Duas vezes vítimas inocentes de uma situação objetivamente absurda. Os recém-nascidos são separados, contratualmente, da mãe que os transportou no ventre, e depois privados nas primeiras semanas de vida de presenças afetivas fundamentais.

A opção repressiva, ainda que juridicamente fundada e, de certa maneira, desejável pela sua força dissuasiva, é inacessível não só e não tanto porque faltaria o consenso político, mas também porque entre os atores em jogo há criaturas que não se podem tornar, mais uma vez, reféns e vítimas das escolhas injustas dos adultos.

Neste impasse, cresce um consistente e aguerrido movimento que anima moções e petições públicas em vários países da Europa. O objetivo não está ao alcance da mão, como não esteve a abolição da escravidão ou o fim do uso das minas antipessoal: o banimento universal das barrigas de aluguer em nome de um princípio superior. A superior dignidade de cada mulher e de cada criança.

Antonella Mariani
In [Avvenire](https://www.avvenire.it/opinioni/pagine/alt-al-mercato%22%20%5Ct%20%22_blank)
Trad.: Rui Jorge Martins
Imagem: D.R.
Publicado em 21.05.2020

**UNAGUI – Cultura Religiosa**

 Texto n.º 6/A – 26.05.2020

**Os magníficos 60 anos de Bono Vox,**

**entre Bíblia, rock e ativismo**

«Não podes tocar mas podes, podes cantar/ sobre os telhados/ cantar-me ao telefone/ cantar e prometer-me que não vais parar/ cantarás e nunca estarás só.» Deu a volta ao mundo “Let your love be known”, a comovente composição que Bono Voz escreveu e lançou nas redes sociais a 17 de março, dia de S. Patrício. A inspiração para o líder dos U2 chegou do povo italiano em quarentena, que quis exprimir a sua esperança ao cantar das varandas. Do “Rock and Roll Hall of Fame” ao debate com líderes globais, a vida de Bono Vox, que a 10 de maio festejou o 60.º aniversário, tem sido dedicada à música, ativismo e compromisso social.

Com 150 milhões de álbuns vendidos, 22 Grammy e três candidaturas ao prémio Nobel para a paz, Paul David Hewson doou, juntamente com a sua banda, 10 milhões de euros para apoiar os agentes de saúde de um dos hospitais de Dublin, cidade onde nasceu a 10 de maio de 1960, de uma família de trabalhadores.

«A minha mãe era protestante, e o meu pai católico: a sua relação era praticamente ilícita, ao tempo», recorda. «A minha mãe decidiu educar-me, e ao meu irmão, segundo os princípios da Igreja protestante, e o meu velho concordou. Ao domingo levava-nos a uma pequena capela da Igreja da Irlanda, e depois ia à missa, sozinho. E quando nós saíamos, estava à nossa espera. Foi verdadeiramente grande ao mostrar uma tolerância assim.»

Teve, no entanto, uma relação conflituosa com o pai áspero, apaixonado pela lírica e demasiado semelhante àquele rapazinho arrebatado que, aos 14 anos, é vítima de um trauma que o influenciará profundamente: perde a mãe, Iris Elizabeth Rankin, na sequência de um aneurisma cerebral ocorrido durante o funeral do avô, falecido dias antes. A dor pelo desaparecimento da mãe é evidente em muitas das suas canções, entre as quais “I will follow”, onde evoca a carta de S. Paulo aos romanos, segundo a qual «nada poderá nunca separar-nos do amor de Deus». A música, por isso, juntamente com a fé em Deus desde pequeno, tornam-se a salvação de Paul, renomeado Bono nos primeiros anos do liceu, a partir do nome de uma loja de equipamentos acústicos, Bonavox.

Corre o ano de 1976 quando Bono, Adam Clayton e os irmãos Richard “Dick” Evans e David Evans (The Edge) respondem ao anúncio do baterista Larry Mullen para a formação de uma nova banda de rock, que se tornará o núcleo dos futuros U2. E enquanto os rapazes tocam, a Irlanda está em chamas: o próprio Bono, aos 14 anos, escapa por pouco a um atentado ocorrido a 17 de maio de 1974, que causou a morte de 33 pessoas: ao regressar da escola, de bicicleta, e por uma diferença de escassos minutos, não estava na loja de discos de Talbot Street, junto à qual rebentou uma das quatro bombas (facto reevocado 40 anos depois na música “Raised by wolves”).

O hino pacifista “Sunday bloody sunday” encontra aqui as suas raízes («tenho medo quando as pessoas começam a dizer que estão prontas a matar para afirmar onde deve estar uma fronteira», diz Bono), e conduzirá, anos depois, os U2 a ser protagonistas do processo de paz: a 23 de maio de 1998, na véspera do referendo para ratificar o acordo de Sexta-feira Santa assinado em Belfast, no palco diante dos U2 apertarão as mãos o líder unionista e protestante David Trimble e o católico moderado John Hume.

A fé, além disso, cimentou a amizade do grupo. Larry Mullen, católico, The Edge, protestante, e Bono desde jovens frequentaram um grupo ligado ao cristianismo das origens de nome Shalom: «Era belíssimo passar algum tempo a ler a Bíblia e a descobrir o significado do cristianismo como sistema religioso», conta Bono.

Os U2 estiveram a um passo de renunciar ao rock and rol para não renunciar a ideais de vida mais altos; depois foi encontrado um compromisso através da firme decisão de erradicar os excessos do grupo e da sua entourage. Bono, considerado entre as melhores vozes do rock de todos os tempos, escreve a maior parte das músicas da banda, dos primeiros textos de inspiração religiosa em “Boy” e “October” aos políticos de “The Joshua Tree”, “War” e “Achtung baby”.

Com o passar do tempo, Bono torna-se cada vez mais ativista: está junto de Bob Geldof na organização do Live Aid e Live 8; recolheu fundos contra a SIDA em Ágrica, participou no Fórum de Davos em 2008. É inesquecível o dueto com Pavarotti em “Miss Saravejo”, no Pavarotti and Friends de 1995, a favor das crianças da cidade martirizada pela guerra. Nas suas iniciativas humanitárias, tem muitas vezes ao seu lado a mulher, Alison, companheira de escola com quem casou em 1982 e mãe dos seus quatro filhos.

«A coisa mais importante na Bíblia é assumir o cuidado pelos pobres», disse Bono ao aderir à coligação Jubilee 2000, que pedia a abolição da dívida dos 52 países mais pobres do mundo, por ocasião do grande Jubileu de 2000. A 23 de setembro do ano anterior, Bono guiou a delegação da iniciativa que foi recebida por João Paulo II, que, inesperadamente, pôs os óculos coloridos do vocalista e compositor. Criou a agência DATA (Debt, Aids & Trade for Africa), envolvendo Bill e Melissa Gates.

Continuando os concertos, ultrapassando alguns problemas de saúde, Bono encontra-se a 19 de setembro de 2018 com o papa Francisco, para exprimir apoio à missão educativa da Fundação Pontifícia Scholas Occurrentes, e fala com ele de sustentabilidade global: «Penso que é um homem extraordinário para tempos extraordinários».

Sobre texto de Angela Calvini
In [Avvenire](https://www.avvenire.it/agora/pagine/i-magnifici-sessanta-del-mito-bono-vox%22%20%5Ct%20%22_blank)
Trad. / adapt.: Rui Jorge Martins, Publicado em 13.05.2020

**«A pessoa de Cristo é a minha maneira de entender Deus»,**

diz Bono Vox, vocalista dos U2

Bono Vox, nome artístico de Paul David Hewson (n. 1960), vocalista dos U2, uma das mais importantes bandas de música rock das últimas décadas, considera que a pergunta fundamental para um cristão é «quem é Cristo?».

«Não creio que a questão se possa arrumar dizendo "um pensador", um "grande filósofo". Ele afirmou ser o Messias, o Filho de Deus, e por esse motivo foi crucificado. Do meu ponto de vista, ou era o Filho de Deus ou era um louco», afirmou em entrevista à televisão pública irlandesa, revela o site "Vatican Insider".

«Acho difícil imaginar que milhões de pessoas desde há dois mil anos tenham sido tocadas por aquela presença, tenham mudado a própria vida por terem sido inspiradas por um louco. Não, não o creio», sublinhou o cantor irlandês que também é conhecido pelo empenho em causas sociais.

Bono Vox (aliteração de "Bona Vox", "boa voz"), declarou que a Bíblia está cheia de «poesia e de factos históricos» e explicou a sua relação com Jesus: «A pessoa de Cristo é a minha maneira de entender Deus».

«Rezamos com os nossos filhos, lemos a Escritura, às vezes vamos todos juntos à missa, ao domingo. Rezamos habitualmente pelas pessoas que conhecemos, sobretudo por aquelas que combatem contra alguma coisa, uma doença», assinalou.

Paul Hewson acredita realmente que Jesus é Deus e que ressuscitou dos mortos?, questionou o jornalista. «Sim», respondeu.

A relação entre a Bíblia e os poemas da banda foi descrita na obra "U2, The Name of Love", do crítico musical Andrea Morandi (Arcana, 2009, 664 pág.), que analisa todos os poemas de Bono, desde o primeiro álbum ("Boy", 1980) até "No Line On the Horizon", de 2009.

Para Morandi, os U2 percorreram um itinerário circular: o intimismo e a religiosidade dos primeiros discos deu lugar a "Zooropa", onde Bono «confessa ter perdido bússola e mapa, razão e religião, limites e confins»; na faixa "The First Time", o vocalista refletia sobre a perda da fé a partir da parábola do filho pródigo.

Em "No Line on The Horizon", 12.º segundo álbum de originais, reencontra-se a luz e a esperança dos inícios, em particular na canção "Magnificent" (que evoca "Magnificat"), um louvor a Deus e um «hino definitivo ao amor», como refere o crítico. E em "Unknown Caller", o desconhecido que chama é o Deus que salva.

Vatican Insider, Filipe d'Avillez, Trad./redação: SNPC/rjm, © SNPC | 15.04.14.